

Resenha

Confiança e medo na cidade (BAUMAN, Zygmunt, 2009, 94p.)

Janaína Lúcia de ARAÚJO¹

Os breves ensaios reunidos em *Confiança e Medo na Cidade*, de Zygmunt Bauman, revelam uma visão sociológica e visionária sobre como os destinos das cidades globais e a construção das relações sociais dos indivíduos nos espaços urbanos da Pós-Modernidade são estruturados especificamente nos caminhos de dois véis de modelos teóricos: o medo - como sentimento de sufocamento e fragmentação entre ricos e pobres - e a reabertura da confiança e do respeito das relações recíprocas como elemento crucial para restabelecer o retorno ao percurso da convivência harmônica na construção de um novo capital social.

Essas são as reflexões principais das rotas metodológicas seguidas pelo sociólogo polonês, que mora desde 1971 na Inglaterra. Professor emérito das Universidades de Varsóvia e Leeds, Bauman nos conduz, nesta obra dividida em três capítulos interligados, a uma análise dos impactos dessas mudanças estruturais do agir no mundo dos atores sociais, no qual a cidade se tornou o espaço da insegurança e das fobias.

Nela, nasce a segregação e as indiferenças compostas por seus muros altos e próprios, grades, sistemas de proteção, a economia do medo e todas as formas possíveis para manter bem longe os cidadãos da segunda fila, como o autor intitula, os estrangeiros e/ou excluídos.

Seguindo a lógica de um discurso aberto, sem forma definida e cheio de possibilidades de interpretações, num passeio líquido-moderno sobre relações e vínculos humanos, o autor destaca no primeiro capítulo, os textos do sociólogo francês Robert Castel (2005), seguidor de Pierre Bourdieu e da Escola de Altos Estudos de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ). Email: janainaaraujo2002@gmail.com

Ciências Sociais, para abordar o conceito de desfiliação – a exclusão do mundo do trabalho e isolamento social – para tratar sobre os excluídos do contrato social, considerados os “inimigos” ou classes perigosas da sociedade rica e líquida.

Dessa forma, o autor nos inspira a compreender quais as angústias que geram a sensação de insegurança moderna, fruto do individualismo e do isolamento, onde as cidades emergem da cultura do medo. Os medos modernos, aponta Bauman (2009), tiveram início com a redução do controle estatal e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem – aparentemente eterno ou pelo menos presente desde os tempos imemoriais – foi fragilizado ou até mesmo rompido, cita Bauman.

Com isso, chega então o momento do fim da solidariedade sólida da Era Moderna, construída por meios de laços artificiais para administrar o medo, por meio de associações, sindicatos e coletivos. Países da Europa foram os primeiros a sentir a derrocada, a desregulamentação do Estado, a fragilidade da interferência política na resolução de questões locais e a reorganização do capitalismo global. Em diversos lugares, muitos relutam em abrir mão dessas formas institucionais de ‘proteção’, numa crescente onda de xenofobia mundial e segregação das elites.

Nesta imbricado ambiente de competição, o autor explica a polarização criada pelo rompimento de vínculos, originando o cidadão da primeira fila e da última fila. Diz Bauman (2009, pág. 26): “o espaço da primeira fila está normalmente ligado à comunicações globais e à imensa rede de trocas, aberto a mensagens e experiências que incluem o mundo todo. Na outra ponta do espectro, encontramos as rede locais fragmentárias, muitas vezes de base étnica, que depositam na sua identidade a defesa de seus interesses e de sua vida”.

É nesse ponto que o autor destaca que “as cidades se transformaram em espaços de problemas causados pela globalização”, onde o giro da roda do confronto entre padrões globais e problemas locais recriam os muros das separações sob formas de manifestações tecnológicas e arquitetônicas de áreas urbanas aparecidas nas versões dos condomínios fechados e qualificadas como representação da mixofobia – o medo de misturar-se.

O autor pontua como referência o sociólogo norte-americano Richard Sennett (1970), que trabalha com o campo de estudos da corrosão do caráter induzido pela

instabilidade profissional do capitalismo flexível e interessa-se por questões ligadas ao trabalho e sociabilidade, e, com mais destaque pela figura do exilado, para discorrer sobre o conceito de mixofobia. Bauman (2009, pág.44) descreve que a comunidade de semelhantes é simplesmente “mais que um modo de fugir da necessidade de olhar profundamente um dentro do outro”. Sennet ressalta “que quanto mais ela se reforça, mais se perdura”.

Ao mesmo tempo dentro dessas estruturas urbanas paranoicas, brota nesse clima de pessimismo, ideias do autor em defesa de espaços para que indivíduos se aproximem e compartilhem situações onde a vida cotidiana não seja movida pela sensação de “perigo” e “necessidade de proteção”. Seria o sentimento de mixofilia, uma estratégia oposta para o enfrentamento dessa segregação “naturalizada”, voltada para estimular o contato agradável e sensível do cidadão.

No segundo capítulo, Bauman aprofunda a sensação de caos dessa arquitetura de um mundo globalizado desconfiado, medroso e extremista em relação aos relacionamentos, comida, fumo, sexo, além dos grandes lucros comerciais da indústria do medo pautada em estratégias de marketing de segurança pessoal. São as distorções da vida na cidade, do planeta, e suas consequências da transformação da aldeia global de McLuhan, considerada uma estrada ainda com muitas curvas para serem percorridas, para o autor.

O vácuo aberto entre campo e cidade, onde cada vez mais é preciso menos gente para produzir diante das fusões de grandes empresas de capital mundial, gera desemprego e busca por mais espaços urbanos, que se cercam de guardas, câmeras, controles e fossos sociais. Como exemplo, ele cita o estilo do condomínio californiano, as *gated communities*, onde foi construído um fosso de dez hectares e casas camufladas à prova de mendigos.

Todo esse medo gerado pela insegurança traz à tona o desaparecimento da espontaneidade e da leveza no dia-dia. Considerado um dilema para planejadores dos espaços públicos, é nestes locais que a convivência humana, o estar-juntos se distingue com suas dores, alegrias e esperanças características.

Bauman (2009, pág. 71), afirma citando Niam Ellin (1997) que “depositando confiança justamente na diversidade (de gente, de atividades, de convicções etc.) para

prosperar os espaços públicos tornam possível integrar (ou reintegrar) sem anular as diferenças, ou antes, exaltando-as”.

No entanto, a tendência da uniformidade se torna o maior desafio para se viver com e entre as diferenças, pois afeta e reduz diretamente as possibilidades do diálogo, encontros e pactos. Para o autor, os espaços públicos podem ser reduzidos a “bolsões privados”, com pessoas vendendo quinquilharia em sinais, colisões e ruas com suas vitrines de lojas espelhadas por seus cães de guardas privados. De fato, o autor faz um apelo para abertura de um olhar direcionado a uma “urbanística integral” – colaborativa, com conexões comunicativas e, por que não haveria de ser, compassiva.

Já no terceiro capítulo, o autor aborda com detalhes o paradoxo de viver junto com os estrangeiros (a tênue relação onde começa o eu e o outro) e no qual a natureza do conceito sobre fronteiras limita as ações interativas, de ajuda, cooperação e amistosidade nas relações. Desta maneira, cada fronteira cria suas diferenças, bem fundamentadas e obsessivas em defesa de um falso lugar acolhedor e seguro para seus semelhantes. O autor aborda a questão da interdependência - um planeta onde dependemos uns dos outros em diversos níveis para sobreviver - como um ponto de mudança dessa estrutura.

No entanto, ao invés da criação de um espaço global, numa visão da Escola de Frankfurt, ainda vivemos em espaços de selvageria, habitados por espécies de indivíduos considerados supérfluos, refugiados de guerras, famintos, que se deslocam precariamente entre as cidades. São eles, sim, os principais deflagradores do medo e os principais motivos de demarcações destas fronteiras. Os seres supérfluos, vale salientar, sempre existiram na história, mas antes eram deportados para terras longínquas, como América do Norte, África, Nova Zelândia.

Como o modelo produtivo do mercado global é idêntico, globalizado, os seres supérfluos retornam e não podem mais ser despejadas em lugares vazios. É o ser *underclass*, segundo Bauman, que significa “estar fora, excluído e não servir para nada”. Essa experiência fenomenológica é explicada, por meio, de Sennet, como um ciclo vicioso de construção de comunidades dos semelhantes, baseada na exclusão e desaparecimento de todas as outras. Na conclusão, o autor retoma o debate de que as cidades, na verdade, se transformaram em campos de batalhas e laboratórios da mixofilia e mixofobia, dentro de um processo cíclico e líquido, sem começo e final.

Por fim, conclui-se que a obra é atual e pertinente na discussão sobre uma análise sobre movimentos urbanos, processos de segregação e a crescente onda de xenofobia mundial. É importante frisar que mesmo diante da complexidade das relações humanas na Pós-Modernidade, é possível identificar em *Confiança e Medo na Cidade*, apontamentos do autor que sinalizam uma esperança em que os seres humanos desenvolvam suas características originais de empatia, aprendendo a arte de viver com as diferenças e aceitando as diversidades. Seria essa a maior preocupação da contemporaneidade: “levar a compaixão e a solicitude para a esfera planetária”.